

Informação, acesso e uso de métodos contraceptivos e acompanhamento ginecológico entre universitárias

Information, accesses and use of contraceptive methods and gynecological follow-up between university students

Información, acceso y uso de métodos anticonceptivos y seguimiento ginecológico entre estudiantes

Recebido: 19/09/2022 | Revisado: 29/09/2022 | Aceitado: 30/09/2022 | Publicado: 08/10/2022

Gabriella de Carvalho Leoadio

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0756-3298>
Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
E-mail: gabileoadio1@gmail.com

Vivian Cristina de Carvalho Leoadio

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6902-4180>
USF Dr. Edson Luiz Fernandes, Brasil
E-mail: viviancarleo@gmail.com

Marina Pereira Rezende

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4054-8911>
Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
E-mail: marina.rezende@uftm.edu.br

Bethania Ferreira Goulart

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2855-6767>
Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
E-mail: bethaniagoulart@yahoo.com.br

Ana Rita Marinho Machado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5751-2563>
Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
E-mail: ana.machado@uftm.edu.br

Bibiane Dias Miranda Parreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7369-5745>
Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
E-mail: bibiane.parreira@uftm.edu.br

Resumo

Identificar a informação, acesso e uso de métodos contraceptivos e acompanhamento ginecológico entre alunas do curso de graduação em enfermagem. Método: Trata-se de um estudo de caráter observacional, transversal com abordagem quantitativa realizado em uma universidade pública do interior de Minas Gerais. O estudo foi realizado com acadêmicas maiores de 18 anos que aceitaram participar da pesquisa. A coleta de dados foi realizada por meio de um instrumento de caracterização sociodemográfica, econômica e sobre métodos contraceptivos, informação, acesso, assiduidade do uso de métodos contraceptivos e consultas ginecológicas. Resultados: A maioria das entrevistadas utiliza, não possui dificuldade de acesso e sente-se seguras com as informações sobre métodos contraceptivos. A maioria usou algum método na primeira relação sexual. As acadêmicas realizam consultas anuais com o médico ginecologista. Conclusão: O presente estudo permitiu compreender o comportamento sexual das acadêmicas do curso de enfermagem e seu acesso a consultas ginecológicas, métodos contraceptivos e informações quanto aos mesmos. O presente estudo sinaliza para as instituições de ensino, a importância de núcleos de assistência estudantil e espaços reservados para o debate destas temáticas destinados as suas acadêmicas.

Palavras-chave: Adulto jovem; Saúde da mulher; Gravidez não desejada; Enfermagem; Anticoncepção; Acesso à informação.

Abstract

Objectives: To identify information, access and use of contraceptive methods and gynecological follow-up among undergraduate nursing students. *Method:* This is an observational, cross-sectional study with a quantitative approach carried out at a public university in the interior of Minas Gerais. The study was conducted with academics over 18 years of age who agreed to participate in the research. Data collection was performed using an instrument for sociodemographic and economic characterization and on contraceptive methods, information, access, assiduity in the use of contraceptive methods and gynecological consultations. *Results:* Most of the interviewees use, do not have access difficulties and feel safe with information about contraceptive methods. Most used some method in the first sexual intercourse. The academics hold annual consultations with the gynecologist. *Conclusion:* The present study

allowed us to understand the sexual behavior of nursing students and their access to gynecological consultations, contraceptive methods and information about them. The present study signals to educational institutions the importance of student assistance centers and spaces reserved for the debate of these themes for their academics.

Keywords: Young adult; Women's health; Unwanted pregnancy; Nursing; Contraception; Access to information.

Resumen

Objetivos: Identificar información, acceso y uso de métodos anticonceptivos y seguimiento ginecológico entre estudiantes de graduación en enfermería. **Método:** Se trata de un estudio observacional, transversal, con abordaje cuantitativo, realizado en una universidad pública del interior de Minas Gerais. El estudio se realizó con académicos mayores de 18 años que aceptaron participar en la investigación. La recolección de datos se realizó mediante un instrumento de caracterización sociodemográfica y económica y sobre métodos anticonceptivos, información, acceso, asiduidad en el uso de métodos anticonceptivos y consultas ginecológicas. **Resultados:** La mayoría de los entrevistados utilizan, no tienen dificultades de acceso y se sienten seguros con la información sobre métodos anticonceptivos. La mayoría utilizó algún método en la primera relación sexual. Los académicos realizan consultas anuales con el ginecólogo. **Conclusión:** El presente estudio permitió comprender el comportamiento sexual de estudiantes de enfermería y su acceso a consultas ginecológicas, métodos anticonceptivos e información sobre ellos. El presente estudio señala a las instituciones educativas la importancia de los centros de atención al estudiante y espacios reservados para el debate de estos temas para sus académicos.

Palabras clave: Adulto joven; La salud de la mujer; Embarazo no deseado; Enfermería; Anticoncepción; Acceso a la información.

1. Introdução

É notório o crescimento da população universitária que alcança cada vez mais jovens em todas as situações socioeconômicas, apesar do número de vagas serem insuficientes para a população jovem (entre 18 e 25 anos). A fase da adultez compreende um período em que possibilidades em ramos distintos, como por exemplo, na vida profissional e afetiva são explorados de modo a clarificar identidades (Moteiro, et al., 2009).

Entre os destaques quando se trata de saúde dos jovens têm-se o uso de práticas cotidianas que se relacionam ao uso de métodos contraceptivos e de proteção as Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs); pois dentro da trajetória sexual de um indivíduo nesta faixa etária, diferentes percursos podem ser vividos (Brandão, 2009).

Apesar do bom conhecimento de alguns universitários acerca do Vírus da imunodeficiência humana (HIV), sífilis, Vírus do Papiloma Humano (HPV) e herpes, seu saber se mostra em nível insuficiente em relação a outras ISTs, além de não utilizar o preservativo como método de prevenção a estas doenças, indicando sua vulnerabilidade para contrai-las (Sales, et al., 2016).

Apesar de todo o acesso à manuais técnicos e vastas informações acerca de ISTs/HIV, importância das práticas sexuais seguras, riscos advindos de relações sexuais desprotegidas, os estudantes universitários da área da saúde associam pouco o uso de preservativos para a prevenção da HIV ou outras ISTs. Mesmo com todo embasamento teórico, orientações recomendadas e repassadas, estas não são praticadas ou, simplesmente, são “esquecidas”. Desta forma, são necessárias implementações de estratégias que permitam a esses jovens universitários conscientizar-se acerca destas questões. A obrigatoriedade do repasse de informações à população em geral nos programas priorizados pelo Ministério da Saúde também são imprescindíveis (Leite, et al., 2009).

Mesmo em estudos com jovens de ensino superior, dúvidas acerca dos métodos contraceptivos, são existentes, tais como efeitos adversos, interações medicamentosas e conduta de uso. Mais da metade das meninas não faz acompanhamento anual com o médico ginecologista, evidenciando a demanda de educação em saúde no meio universitário (Witt & Peganotti, 2019).

Os principais fatores que influem no acompanhamento ginecológico entre as acadêmicas da área da saúde são a situação econômica, tipo de serviço procurado e a ausência de confiança no médico que realiza a consulta (Cyrino et al. 2020).

Nota-se que mesmo entre os universitários com o seu maior nível intelectual, se fazem necessárias maiores políticas

educacionais no âmbito da sexualidade, que visem a orientação destes indivíduos quanto as práticas sexuais devido a ISTs, HIV e gravidez indesejada (Falcão, et al., 2007).

A fase da juventude compreende uma etapa singular do desenvolvimento humano em que muitos acontecimentos trazem experiências de vida únicas ao indivíduo em diversos âmbitos como o familiar, profissional, emocional e social. Trata-se do início da vida adulta com responsabilidades que se intensificam, dentre elas a atenção com a própria saúde e bem estar. Devido ao início da vida acadêmica e em sequência ou simultaneamente a profissional, o cuidado com os planejamentos reprodutivos merecem uma maior atenção, assim como os cuidados para prevenir ISTs.

Nota-se que nesta faixa etária muitos planejamentos acerca do futuro podem ser gravemente alterados pela gravidez indesejada, ou por enfermidades. É no espaço acadêmico então, que se faz necessário a continuidade de educação em saúde mesmo com os futuros profissionais da área, em decorrência da autonegligência que muitas vezes ocorre pela rotina pesada dos estudos e pouca conscientização acerca do autocuidado. É indefensável acreditar que estas alunas estão sempre conscientes destes aspectos apenas porque elas os estudam em disciplinas, sem se levar em conta seu acesso a métodos contraceptivos, consultas ginecológicas e informações.

Portanto, os objetivos deste estudo foram: identificar a informação, acesso e uso dos métodos contraceptivos, na primeira relação sexual e atualmente, e identificar aspectos relacionados ao acompanhamento ginecológico entre alunas do curso de graduação em enfermagem.

2. Metodologia

Este estudo possui abordagem quantitativa e caráter transversal. Foi elaborado um instrumento (questionário) de caracterização sociodemográfica, econômica e ginecológica e outro sobre métodos contraceptivos, (informação, uso e acesso) e assiduidade às consultas ginecológicas. Os instrumentos foram criados com base em experiências prévias dos pesquisadores e no referencial teórico que sustenta este estudo (Severino, 2018; Pereira, et al., 2017).

Participaram do estudo, 114 estudantes do curso de graduação em enfermagem do sexo feminino. Ressalta-se que a coleta de dados ocorreu de forma on-line, devido à pandemia de COVID-19. Por meio de plataformas digitais e pelo formulário *Google Forms*®.

As acadêmicas do curso de graduação em enfermagem foram convidadas a participar do estudo através das redes sociais, *Whatsapp*® e e-mail. Aquelas que tiveram interesse, responderam a um questionário disponibilizado em endereço eletrônico específico, com as respostas em anonimato. As alunas foram esclarecidas sobre a natureza e os objetivos da pesquisa. Após a aceitação e formalização da anuência por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi realizado o preenchimento do instrumento. Foram incluídas no estudo estudantes de graduação do curso de enfermagem com idade igual ou superior a 18 anos, do sexo feminino que aceitaram participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de forma digital.

Foi realizada a análise univariada dos dados, os quais foram apresentados na forma de distribuição de frequências absolutas (n) e relativas (%) para as variáveis qualitativas; e valores de média e mediana (medidas de tendência central), desvios-padrão e valores máximos e mínimos (medidas de variação) para as variáveis quantitativas.

A presente investigação teve início após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa como o parecer 5.129.146 e CAAE 52617521.7.0000.5154 e obedeceu às diretrizes e normas regulamentares de pesquisa envolvendo seres humanos, Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

3. Resultados

Participaram do estudo 114 acadêmicas. A média da idade das participantes do estudo foi de 24,71 (dp=3,28), com idades entre 18 e 40 anos. A maioria das participantes era do oitavo período (15,78%).

Em relação as variáveis sociodemográficas e econômicas, no que se refere a ocupação remunerada, 92,98% das alunas não possuíam atividades com remuneração. No entanto, em relação aos auxílios institucionais, 60,38% afirmaram recebê-lo. No estudo, 56,14% das participantes alegaram morar com os familiares.

No que tange as variáveis ginecológicas, considerando as relações sexuais, 97,36% das alunas responderam já terem tido relações sexuais. A primeira relação sexual das acadêmicas foi com idades entre 13 e 16 anos (31,57%), com média de 15 anos. Sobre ter filhos, 93,85% das acadêmicas negaram tê-los.

Acerca dos métodos contraceptivos, 89,47% das alunas afirmam usar algum tipo de método contraceptivo. Os métodos mais utilizados pelas acadêmicas do curso de enfermagem foram: hormonal oral (59,64%) e preservativo masculino (13,15%).

Sobre as possíveis dificuldades em se impor para o parceiro sexual sobre a escolha de usar os métodos contraceptivos nas relações, 74,56% das acadêmicas afirmaram não ter resistências em estabelecer estes acordos.

Os principais métodos contraceptivos escolhidos pelas acadêmicas em sua primeira relação sexual foram: preservativo masculino (65,78%) e anticoncepcional hormonal oral (13,15%). Considera-se que 17,54% não utilizaram nenhum método contraceptivo e que 6,14% afirmaram ainda não terem tido sua primeira relação sexual.

A Tabela 1, a seguir mostra os motivos pelos quais algumas acadêmicas não utilizaram métodos contraceptivos durante a primeira relação sexual:

Tabela 1. Motivos do não uso de métodos contraceptivos durante a primeira relação sexual.

| Motivos | n | % |
|---|---|--------|
| Ausência de orientação sobre o funcionamento dos métodos contraceptivos | 2 | 7,69% |
| Ausência do preservativo durante o ato | 4 | 15,38% |
| Recusa do parceiro em utilizar algum método contraceptivo | 5 | 19,23% |
| Preferência delas em não utilizar algum método contraceptivo | 2 | 7,69% |
| Não consideraram sérias as consequências do sexo desprotegido | 5 | 19,23% |
| Não estavam esperando terem relações sexuais na ocasião | 5 | 19,23% |
| Não consideraram necessário utilizar um método contraceptivo no momento da relação; | 2 | 7,69% |
| Outros motivos | 1 | 3,85% |

Fonte: Produzido por pesquisadores.

Nota-se que 74,56 afirmam ter utilizado métodos contraceptivos na primeira relação sexual e 6,14% ainda não iniciaram suas vidas sexuais, a tabela também trás alguns fatos que explicam ao que se deve a abstenção do uso destes métodos durante a primeira experiência sexual.

Entre profissionais ou figuras de importância, que orientaram estas acadêmicas na escolha dos métodos contraceptivos escolhidos para a sua primeira relação sexual, destacam-se: familiares (30,78%); professores (19,29%) e médicos (17,54%).

Entre os profissionais ou figuras de importância que orientaram estas acadêmicas na escolha dos métodos contraceptivos atualmente, o mais citado foi o médico (65, 78%).

Quanto à forma como estas acadêmicas conseguiram obter seu método contraceptivo para a primeira relação ressalta-se que 44,73% das alunas dependeram do parceiro para conseguir o método contraceptivo. Quanto a obtenção do método contraceptivo atualmente, 57,89% delas conseguem pela compra em farmácia.

No que tange a percepção destas acadêmicas sobre o porquê consideram importante o uso dos métodos contraceptivos, 94,73% das alunas acreditam que estes métodos são importantes para prevenir IST's e gravidez indesejada. No entanto, 8,77% delas consideraram importante o uso de métodos contraceptivos apenas para evitar a gravidez.

No que concerne temas como “sexualidade” e “métodos contraceptivos” debatidos no meio acadêmico, fora das disciplinas do curso de enfermagem, a maioria das acadêmicas considera que há a discussão destas temáticas fora das disciplinas, no entanto, 46,49% afirmaram não existir o tratamento destes tópicos fora das disciplinas do curso. Essa divergência de resposta pode ser justificada pela diferença de períodos e a integração dessas alunas em atividades extras.

A respeito da necessidade do debate destes temas no meio acadêmico, fora das disciplinas do curso de enfermagem, 100% das acadêmicas consideram necessária sua discussão fora das salas de aula. Quanto ao sentimento de segurança acerca das próprias informações sobre os métodos contraceptivos, 84,21% das acadêmicas afirmaram sentirem-se seguras.

Sobre a possibilidade de encontros dentro da universidade, destinados a conversas e atualizações sobre o tema “sexualidade” e “métodos contraceptivos”, 69,29% das acadêmicas afirmam que participariam destas reuniões. Acerca de sentimentos como a vergonha, diante da necessidade em pedir esclarecimento das próprias dúvidas sobre estes temas com profissionais da saúde e professores, 78,94% das acadêmicas afirmam não se sentirem desta forma ao pedirem esclarecimentos para seus questionamentos, enquanto 24,56% das acadêmicas confirmaram ter este tipo de dificuldade.

Na questão que envolve o conhecimento destas alunas acerca da existência de núcleos que oferecem consultas médicas, acompanhamento com outros profissionais de saúde na universidade, 96,49% confirmaram saber da existência destes espaços e 14,91% afirmaram não conhecer estes núcleos.

A respeito da existência de locais com a distribuição gratuita de métodos contraceptivos, 98,24% acadêmicas confirmaram saber dessa informação.

Referente as consultas com o ginecologista, 96,49% das alunas confirmam terem visitado este profissional. Sobre visitas anuais ao médico ginecologista, 74,56% acadêmicas vão as consultas anualmente.

Entre os motivos que impactam o acesso das acadêmicas de enfermagem ao ginecologista, 56,14% das acadêmicas relataram não haver nenhum motivo que impacte na sua ida a este profissional. No entanto, 27,19% das acadêmicas alegaram incompatibilidade entre seu tempo livre e atendimento deste profissional. 6,14% das estudantes afirmam indisponibilidade deste profissional na rede pública. 5,26% das participantes alegaram indisponibilidade deste profissional no núcleo de assistência estudantil e 3,50 das acadêmicas afirmam indisponibilidade deste profissional na Unidade Básica de Saúde (UBS) de seu bairro. Acerca dos retornos necessários ao ginecologista, 92,98% das acadêmicas os realizam quando necessário.

4. Discussão

A partir dos resultados, o presente estudo evidenciou que a maioria das acadêmicas do curso de enfermagem da UFTM não realiza atividades com remuneração, muitas alunas recebem algum auxílio da instituição e em sua maioria, mora com familiares. Este cenário converge com o estudo realizado em Campinas, em relação ao meio acadêmico e sua faixa etária, uma vez que este período compreende maior liberdade, porém sem a independência completa dos pais (Moteiro, et al., 2009).

Acerca da aquisição dos métodos a maioria das estudantes de enfermagem consegue na farmácia. Ressalta-se que algumas acadêmicas dependem de seus pais, do parceiro e por consequência, da condição financeira de terceiros para obterem seus métodos. Ainda assim, a maioria das acadêmicas considerou como fácil o seu acesso aos métodos contraceptivos.

Para a maioria das alunas, o principal motivo do uso dos métodos foi a prevenção de gravidez indesejada e ISTs, ainda entre as participantes, houve meninas que consideraram o uso destes métodos necessário apenas para prevenir a gravidez indesejada. Na fase de adultez destas alunas, a integração social a construção dos relacionamentos, são vitais para a saúde e bem estar do jovem como visto em um estudo realizado em Bragança (Portugal). Logo o início da vida adulta contém algumas preocupações primárias como, as atividades sexuais e reprodutivas comuns a esta fase. A vivência da sexualidade é presente neste nível do desenvolvimento. A maior estabilidade nos relacionamentos amorosos leva muitas jovens mulheres a utilizarem os métodos apenas como medida contraceptiva em um cenário em que os rapazes possuem a maior rotatividade de parcerias. Este fato converge com alguns outros estudos, que enfatizam que a escolha destes métodos pode oscilar entre métodos de baixa e alta eficácia à medida que os relacionamentos destas jovens se estabilizam ou se iniciam. O uso destes recursos passa a ficar restrito apenas a prevenção da gravidez e não as ISTs (Bastos, et al., 2008; Papalia, et al., 2006; Heilborn, 2012; Pimentel, et al., 2016).

Este estudo converge também, com algumas pesquisas realizadas ao norte de Portugal que falam sobre a vida sexual ativa do universitário. Entre as acadêmicas do curso de enfermagem, a sua maioria iniciou suas experiências sexuais entre a faixa etária de 13 a 16 anos de idade. Faz parte desta realidade, como mostra a pesquisa em Portugal, a existência de alguns comportamentos de risco neste meio. Em relação as participantes do estudo, estes atos estiveram presentes, em maior quantidade, em sua fase de adolescência. Ainda que a maioria das participantes tenha agido de forma segura e escolhido utilizar algum método nas primeiras relações sexuais, a presente pesquisa evidenciou o comportamento de risco por parte de algumas acadêmicas, caracterizado pelo não uso de algum método. Entre os motivos destes comportamentos de risco, estão a recusa do parceiro em utilizar o método contraceptivo, imprevisibilidade nas relações e recusa das mesmas em não os utilizar. Compreender os porquês de determinados comportamentos podem nortear novas formas de conscientizar os adolescentes, sobre a importância da negociação do uso dos métodos contraceptivos com seus parceiros. (Castro, et al., 2020).

A orientação dos familiares se mostrou importante na adolescência destas alunas e nortear a escolha dos métodos contraceptivos para a sua primeira relação sexual. A dependência e a importância da orientação familiar sobre o uso de métodos contraceptivos durante a adolescência das participantes foram significativas.

Ainda sobre possíveis adversidades, foi visto que a maioria das entrevistadas não sente dificuldades em se impor para o seu parceiro sobre o uso dos métodos contraceptivos, ainda assim algumas alunas, mesmo sendo de um curso da área da saúde, afirmam ter esta tribulação. Esta máxima pode indicar a necessidade de espaços em que estas jovens possam ser acolhidas e orientadas sobre as melhores formas de estabelecer este acordo com os seus parceiros.

Acerca dos espaços como os núcleos estudantis, nota-se que políticas públicas como a assistência estudantil proporciona o acolhimento, o norteamto, a escuta terapêutica por profissionais capacitados e professores acadêmicos do ramo da saúde, que reduzem vulnerabilidades e até desistências do curso em questão são imprescindíveis para este público (Galindo, 2018).

A maioria das entrevistadas concordou em ter os temas “sexualidade” e “métodos contraceptivos” debatidos no meio acadêmico fora das disciplinas do curso de enfermagem, afirmaram também não existir esta discussão fora das disciplinas. Quando questionadas sobre a necessidade da discussão destes temas no meio acadêmico fora das aulas, todas as participantes consideraram necessários estes espaços apesar de se sentirem seguras quanto as suas informações sobre os métodos contraceptivos. Assim evidenciando a necessidade e a importância de discussões de temas fora das salas de aulas, sem o enfoque específico para a profissão na área da saúde. Rodas de conversas, palestras relacionadas a essas temáticas são

importantes para a saúde sexual e reprodutiva das acadêmicas, visto que diversos fatores podem influir na vida pessoal e no futuro acadêmico e profissional dessas alunas.

Sobre a plenitude do próprio saber, mesmo entre jovens de ensino superior na área da saúde, seguras de suas informações, dúvidas acerca dos métodos contraceptivos, ainda existem. Ainda que a maioria das alunas não tenha nenhum receio como a vergonha em esclarecer suas dúvidas, no mesmo ambiente existem meninas com este tipo de dificuldade que necessitam de acolhimento, escuta e orientação. Mesmo entre universitários com o seu alto nível intelectual, se fazem necessárias maiores políticas educacionais no âmbito da sexualidade, que visem a orientação destes indivíduos quanto as práticas sexuais principalmente devido a ISTs.

Apesar do acesso à informação, estudos como o realizado em Campos dos Goytacazes, município do interior do Rio de Janeiro, evidencia que mesmo na área da saúde algumas estudantes ainda utilizam métodos como contraceptivos de emergência, de forma equivocada e elucida a necessidade de palestras e debates no âmbito institucional que contribuam ainda mais com o conhecimento destas alunas principalmente nas primeiras relações sexuais (Witt, et al., 2019; Falcão, et al., 2007; Abreu, et al., 2021).

Um estudo realizado com acadêmicas em Vassouras também aponta que apesar de suas participantes serem do meio universitário e serem consideradas mulheres esclarecidas, com acesso à informação, ainda não conhecem a maneira correta de utilizar por exemplo, o método contraceptivo hormonal oral. Assim, algumas atitudes são tomadas em relação a este método que diminuem sua eficácia e podem acarretar riscos à saúde destas estudantes. Reflexões surgem então para refutar a ideia de que erros com estas medicações ocorrem apenas por mulheres leigas e não por aquelas que possuem acesso ao ensino superior (Groetares, et al., 2022).

Mesmo em espaços acadêmicos em que o alto nível intelectual prevalece, contemplar estas alunas com políticas públicas e medidas de assistência estudantil para atuar nestas questões se fazem imprescindíveis. De acordo com um estudo realizado em São Carlos, o conhecimento sobre as diferentes formas de contracepção não é o único fator que impacta na escolha de um método, visto que atitudes e práticas podem interferir nestas decisões, assim como o acesso a esses métodos. Estudo realizado em Curitiba aponta o uso de contraceptivos de emergência como algo bastante utilizado entre acadêmicas, mesmo da área da saúde e ressaltam a necessidade dos profissionais de saúde envolvidos em esclarecimentos sobre este uso a fim de evitar riscos à saúde, ampliar o conhecimento e fornecer ampliação de informações (Goes, et al., 2019; Sorgi, et al., 2019; Antunes, et al., 2021; Lima, et al., 2020).

Há uma conexão inegável entre a situação socioeconômica, e acesso a métodos contraceptivos e consultas ginecológicas em relação às mulheres (Cyrino, et al., 2020; Torres, et al., 2008).

Podemos observá-la também entre as acadêmicas do curso de enfermagem da universidade onde foi realizada a pesquisa. Apesar da maioria das acadêmicas não considerar que exista algum motivo que comprometa sua ida ao médico ginecologista, algumas alunas do curso de enfermagem encontram dificuldades em obter essa assistência nos postos de saúde do próprio bairro (rede pública) e nos núcleos de assistência estudantil. O motivo se deve a indisponibilidade deste profissional nos espaços citados anteriormente. Algumas alunas do curso de enfermagem dependem exclusivamente do atendimento ginecológico gratuito ofertado pela rede pública e os núcleos de assistência para acompanhar a própria saúde.

Ainda sobre as consultas e a sua fluidez, a maioria das entrevistadas já passou alguma vez pelo médico ginecologista. Seu acesso a essas consultas são satisfatórias, apesar das dificuldades de algumas alunas, identificadas no presente estudo, em se consultar com estes profissionais. Assim, persistir com a divulgação de informações sobre o atendimento ginecológico gratuito nos núcleos de assistência estudantil e rede pública no espaço acadêmico pode impactar positivamente as acadêmicas, acrescentar mais opções de acompanhamento e ainda reforçar os cuidados quanto a própria saúde sexual.

5. Considerações Finais

Apesar dos resultados satisfatórios encontrados sobre o acesso as consultas ginecológicas e aos métodos contraceptivos das alunas do curso de enfermagem, os esforços para que este acesso continue, devem ser aprimorados.

Nota-se que a instituição de ensino tem um papel imprescindível em acolher e nortear estas acadêmicas além de diminuir o percurso de procura destas alunas a serviços de saúde especializados através dos seus núcleos de assistência estudantil, e assim promover o cuidado dos futuros profissionais da saúde.

As alunas do curso de enfermagem, em sua maioria se mostraram alinhadas com os porquês do uso de métodos contraceptivos e a sua importância para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e prevenção da gravidez indesejada. Foi possível com o presente estudo, capturar um apanhado de informações que desenha e infere o impacto do cenário socioeconômico, da dinâmica familiar e de relacionamentos destas participantes, na liberdade e escolhas íntimas, sobre seu uso e acesso aos métodos contraceptivos e consultas ginecológicas.

Também foi possível observar os hábitos e cuidados destas acadêmicas desde o início da sua atividade sexual e até atualmente, em relação a escolha e uso de métodos contraceptivos e acesso ao médico ginecologista. Foi possível compreender o contexto das participantes nestas fases.

Em relação as limitações do estudo, ressalta-se que o presente estudo ocorreu em um contexto pandêmico em que a comunicação foi possível apenas através de formulários, aplicativos de mensagens e redes sociais que podem ter impactado a interação entre pesquisador e entrevistado, além do ânimo das alunas abordadas a participarem do estudo. No entanto, mesmo com algumas adversidades, estudos como este são imprescindíveis para nortear futuras pesquisas que explorem a relação inegável entre a situação biopsicossocial das alunas e sua absorção, aderência aos saberes encontrados no ensino científico. São necessárias pesquisas futuras que tragam propostas e encontrem caminhos para diminuir as vulnerabilidades pessoais de algumas acadêmicas no âmbito institucional. Assim, estudos como este podem ajudar a compreender fatores que impactam na decisão e compreensão sobre o uso dos métodos contraceptivos, prevenção a ISTs, gravidez indesejada e no comprometimento com a própria saúde destas alunas, as vezes consideradas “blindadas” no imaginário popular, devido ao seu acesso ao saber científico.

Referências

- Abreu, T. M. R., & Nunes, A. T. (2021). Conhecimento sobre metodo contraceptivo de emergencia e seus efeitos indesejáveis pelas universitárias da área da saúde de uma instituição de ensino superior de Campos dos Goytacazes-RJ. *Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos*, 16(1), 7-11. <https://doi.org/10.29184/1980-7813.rcfmc.228.vol.16.n1.2021>.
- Antunes, M. Q., de Oliveira, A. K., Ferreira, L. L., Damasceno, E. M. A., Cruz, C. D. S. S., Barroso, H. H., Rocha, R. L., & Pinheiro, M. L. P. (2021). Uso de contraceptivos de emergência entre estudantes universitárias. *Brazilian Journal of Development*, 7(3), 26444-26457. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n3-376>.
- Bastos, M. R., Borges, A. L. V., Hoga, L. A. K., Fernandes, M. P., & Contin, M. V. (2008). Práticas contraceptivas entre jovens universitárias: o uso da anticoncepção de emergência. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 17, 447-456. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000300005>.
- Brandão, E. R. (2009). Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, 1063-1071. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000400013>.
- Castro, J. F. D., Almeida, C. M. T., & Rodrigues, V. M. C. P. (2020). A (des) educação contraceptiva dos jovens universitários. *Acta Paulista de Enfermagem*, 33, 1-7. <https://doi.org/10.37689/actape/2020AO01916>.
- Cyrino, L. S., Marques, I. C., Araújo, L. M. B., Gil, F. R., & Nunes, M. R. (2020). Fatores que influenciam o acompanhamento ginecológico: percepções das acadêmicas dos cursos da área da saúde. *Revista Médica de Minas Gerais*. <http://dx.doi.org/10.5935/2238-3182.20200059>.
- Júnior, J. S. P. Jr., Lopes, E. M., Freitas, L. V. D., Rabelo, S. T. D. O., Pinheiro, A. K. B., & Ximenes, L. B. (2007). Perfil e práticas sexuais de universitários da área de saúde. *Escola Anna Nery*, 11, 58-65. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452007000100008>.
- Galindo, A. K. F. (2018). O impacto da assistência estudantil na permanência dos estudantes no Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE) (Master's thesis, Universidade Federal de Pernambuco).
- Goes, J. J., Couto, M. L., & Nascimento, J. S. (2019). Comportamento Sexual de Universitárias da Área da Saúde. *Revista Portal: Saúde e Sociedade*, 4(1), 1006-1017. <https://doi.org/10.28998/rpss.v4i1.7780>.

- Groetares, R. A., da Silva, T. A. S. M., Gomes, E. D. N. F., da Silva Souza, A., da Silva, J. S. L. G., & da Silva, G. S. V. (2022). O universo das universitárias versus conhecimento sobre o contraceptivo oral: Uma reflexão para a enfermagem. *Revista Pró-univerSUS*, 13(1), 08-18. <https://doi.org/10.21727/rpu.v13i1.3101>.
- Heilborn, M. L. (2012). Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. *Psicologia Clínica*, 24, 57-68. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652012000100005>.
- Leite, M. D. T. F., Costa, A. V. D. S., Carvalho, K. A. D. C., Melo, R. L. R., Nunes, B. M. T. V., & Nogueira, L. T. (2007). Saber e prática contraceptiva e prevenção de DST/HIV/AIDS em universitários da área da saúde. *Revista brasileira de Enfermagem*, 60, 434-438. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672007000400014>.
- Lima, F. C. F., Silva, L. C. M., & Adami, E. R. (2020). Uso de contraceptivos de emergência por universitárias da área da saúde. *Revista UNIANDRADE*, 21(2), 82-88. <http://dx.doi.org/10.18024/1519-5694/revuniandrade.v21n2p-82-88>.
- Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2009). Adulthood emergente: na fronteira entre a adolescência e a adultez. *Revista @ mbienteeducação*, 2(1), 129-137. <https://doi.org/10.26843/v2.n1.2009.545.p129%20-%20137>.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2000). *Desenvolvimento humano* (p.450). Artmed. <https://www.meulivro.biz/embriologia/577/desenvolvimento-humano-papalia-12-ed-pdf/>.
- Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica* (p.43). https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica_final.pdf.
- Pimentel, M. H., Preto, L. S. R., Alves, M. J. G., & Monteiro, A. M. P. (2016). Comportamento sexual e estudantes do ensino superior. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 17(3), 352-367. 10.15309/16psd170304.
- Sales, W. B., Caveião, C., Visentin, A., Mocelin, D., da Costa, P. M., & Simm, E. B. (2016). Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da saúde. *Revista de enfermagem referência*, 4(10), 19-27. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388247711002>.
- Severino, A. J. (2017). *Metodologia do trabalho científico* (P. 109). Cortez editora. https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf.
- Sorgi, C. M., Callegari, F. V. R., & Carbol, M. (2019). Conhecimentos, atitudes e práticas de universitárias em relação aos métodos contraceptivos reversíveis de longa duração (LARC). *Medicina (Ribeirão Preto)*, 52(3), 213-222. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v52i3p213-222>.
- Torres, M. E. D. A., Miranda-Ribeiro, P., & Machado, C. J. (2008). Vai lá, tira a roupa... e... pronto...": o acesso a consultas ginecológicas em Belo Horizonte, MG. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 25, 49-69. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982008000100004>.
- Witt, F. R., & Paganotti, L. (2019). Anticoncepção em universitárias no oeste de Santa Catarina. <https://rd.uffs.edu.br/handle/qprefix/q3967>.